

# BYE BYE BYE YOUTUBE | POR MATHIAS BRÖCKERS

*Posted on 3. November 2020*

### *Um comentário de Mathias Bröckers.*

Grande descanso entre os amigos do discurso conformista do sistema, desinfecção total e todas as "Testemunhas Corona", abundância de rolhas de champanhe nos institutos de imprensa dos meios de comunicação social corporativos, gabinetes de imprensa da NATO e fábricas de consenso e verdadeira atmosfera partidária entre os seus seguidores compatíveis nos "meios de comunicação social": a picada alternativa em carne e osso do panorama mediático alemão desapareceu, o portal mediático mais bem sucedido financiado pela multidão no mundo de língua alemã já não se encontra no YouTube, a KenFM tornou todos os vídeos invisíveis. Embora as 2500 entrevistas, reportagens, reportagens e comentários que o KenFM produz há 8 anos ainda estejam disponíveis no KenFM.de e noutros canais, para os mais de 500.000 assinantes no YouTube existe actualmente apenas uma explicação de Ken Jebsen porque está tão farto da censura do youtube como da cultura Cancel, o que torna cada vez mais difícil alugar estúdios ou pavilhões. E porque é que ele e a sua equipa deixam Berlim e vão para o exílio, para o país, onde um estúdio e um "campus" vão ser construídos e onde a comunicação analógica pode voltar a ter lugar.

O gatilho actual para este passo foi a segunda "greve" no YouTube - a eliminação de uma entrevista KenFM com o advogado Markus Haintz, que foi preso na demonstração de Querdenken a 25 de Outubro - combinada com uma proibição de uma semana de carregamento de mais vídeos. Assim como a ameaça de que o canal será bloqueado, em princípio, pela terceira vez. Este é o procedimento habitual para impedir violações de direitos de autor, conteúdo pornográfico e outras violações da lei no YouTube - com a diferença, claro, de que se trata de material completamente impecável em termos de lei de imprensa, que não se enquadra em nenhuma regulamentação duvidosa de "Fala de Ódio" ou "Notícias Falsas", mas foi bloqueado apenas com base nas suas declarações de conteúdo. Falar de censura justifica-se certamente, mesmo que não seja uma medida governamental, mas a Alphabet/Google/Youtube como empresa privada pode decidir por si própria o que se passa nas suas plataformas e o que não acontece. Na Alemanha, por outro lado, a censura ainda não está a ter lugar, obviamente, graças à externalização da informação pública para monopólios internacionais dos meios de comunicação social.

Não fui indirectamente totalmente inocente da campanha de difamação contra Ken Jebsen - lançada pelo notório informador Henryk Broder - que levou à sua saída do radiodifusor público rbb. No Verão de 2011 o meu livro sobre o décimo aniversário do 11 de Setembro foi publicado e Ken Jebsen quis fazer uma entrevista para o seu programa "KenFM" sobre o assunto. Eu não o conhecia mais do que conhecia este formato, que tinha estatuto de culto na área de Berlim, e fiquei surpreendido por ele ter surgido com todo um catálogo de perguntas, porque os apresentadores de rádio muitas vezes nem sequer viam o sinistro. Mas ele não só tinha lido o livro inteiro, como também feito perguntas reais e importantes. Assumi então que dos 90 minutos da nossa conversa, apenas três ou cinco seriam transmitidos por ondas hertzianas, como acontece frequentemente em tais programas - e depois caí do meu banco quando cada palavra era transmitida sem cortes e apenas interrompida por música em três horas. Uau! Estava na minha antiga "estação de casa", onde eu tinha atirado a toalha como autor em 2001 porque o meu comentário sobre a mala de Mohamed Atta e as ridículas pegadas de elefantes do 11 de Setembro não era possível, será que a nova liberdade jornalística irrompeu? Infelizmente não, porque Ken Jebsen estava desde então debaixo de fogo - ninguém quebra o tabu do 11 de Setembro com impunidade. Quando KenFM, após a sua partida, muito rapidamente teve sucesso na rede e em voz alta se juntou ao movimento de paz durante a crise ucraniana, as acusações ("anti-semitas, neurechts", "rechtsoffen") continuaram a ganhar ímpeto, embora nenhum exemplo disso pudesse ser encontrado no programa do canal. Para chegar ao fundo desta contradição, tive uma longa conversa com ele, que foi publicada como livro em 2016: "O Caso de Ken Jebsen ou Como o Jornalismo na Rede Pode Recuperar a sua Independência".

Desde então, KenFM não só tem demonstrado convincentemente que a independência jornalística em relação aos funcionários da GEZ e chefes de empresa é viável através do crowdfunding - as discussões e mesas redondas foram também da mesma qualidade que os canais públicos em termos de conteúdo e qualidade técnica. É certo que não podiam correr lá, porque KenFM tomou a liberdade da liberdade de imprensa, não sendo apoiado pelo Estado, não sendo bootlicking, não se conformando com o consenso, e o editor-chefe tomou a liberdade de levar o seu coração anti-militarista, anti-imperialista e anti-neoliberalista na sua língua. Como o homem é um falador rápido sem paralelo, era inevitável que ofendesse

muitos, especialmente porque não aceita a linha (já fictícia) entre o jornalismo e o activismo. Mas o caso actual deixa bem claro que a verdadeira independência jornalística significará também no futuro libertar-se dos guardiões das "redes sociais" - de corporações como o Google, Facebook, Twitter & Co. E porque mesmo um servidor aparentemente seguro algures no mundo não é garantia para um gabinete editorial de que as suas notícias serão distribuídas, o pioneiro digital Ken Jebsen está agora a visionar um passo atrás na discussão: para o analógico, para um campus onde as pessoas podem falar e transmitir em paz. Posso compreender isso, porque não conheço praticamente nenhum outro jornalista que tenha sido mais difamado do que ele - e ninguém que tenha lidado com tal desfaçatez

Entretanto, outro colega foi vítima da censura oculta que o antigo embaixador Craig Murray, que foi observador e gravador das audiências de Assange, voltou a criticar por ter suprimido os e-mails de Hunter Biden. O vencedor do Prémio Pulitzer Glenn Greenwald - outrora o homem escolhido como jornalista independente para Edward Snowden - não pôde publicar um artigo sobre as suspeitas de corrupção de Hunter e Joe Biden em "The Intercept", um portal que ele próprio fundou (e financiado pelo fundador do eBay Omidyar) e que se demitiu. E o que Craig Murray diz não augura nada de bom para o futuro: "Há dez anos atrás eu não teria considerado um perigo que a Internet se tornasse um método de controlo político em vez de liberdade política. Agora receio que seja tarde demais para evitar o perigo".

Recentemente, o meu irmão, que trabalhou numa grande agência de publicidade nos anos 90, interrogou-se sobre o termo "pensador lateral", que desde então se tornou um palavrão: "Nessa altura estávamos sempre à procura de pensadores laterais! - "Estávamos sempre à procura de pensadores laterais". O facto de uma entrevista jornalística com o advogado de uma demonstração de pensador lateral ser já um caso de censura mostra claramente até que ponto a mania totalitária de conformidade se desenvolveu entretanto. E graças à Corona como acelerador de fogo para uma "Grande Reposição" (aqui alemão), tal como concebida por Klaus Schwab e a elite de Davos, tal consolidação de terras no negócio dos media está a ocorrer em grande parte sem contradição, e mesmo para os liberais e esquerdistas, que de resto adoram falar de "diversidade" e elogiar a "diversidade" e a "liberdade", a diversão pára com o pensamento lateral. Porque é que pensadores laterais como Ken Jebsen não têm de se perguntar - olhar para além do horizonte da mãe e do

Dr.Drosten é agora tão proibido como depois do 11 de Setembro as dúvidas sobre o conto de fadas das cavernas de Osama e as 19 facas de tapete. E quem nos EUA não consegue decidir entre Donald Putin-Hitler e o semi-demandado mas apenas o salvador Sleepy Joe - e quer reportar sobre a suspeita válida de corrupção contra este último, como o jornalista Greenwald - teve simplesmente azar. Claro que ainda não há censura, mas tenha cuidado: quem defende uma constituição durante as manifestações torna-se suspeito e pode ser preso - como um pensador lateral.

Mathias Bröckers publicou mais recentemente "Don't Kill The Messenger - Freedom for Julian Assange" com Westendverlag. Ele blogs em [broeckers.com](http://broeckers.com)

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: AngieYeoh / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK